

OS SALÕES

AS

Indifferenças do Seculo

PELO

Visconde de Ouguella

TERCEIRA SÉRIE

DEPOSITO

LIBRARIA AUGUSTO FERIN

70, Rua Nova do Almada, 70

LISBOA





LOR

21

OS SALÕES

AS INDIFERENÇAS DO SÉCULO

OS SALÕES

AS INDIFFERENÇAS DO SÉCULO

PELO

VISCONDE DE OUGUELLA

TERCEIRA SÉRIE

DEPOSITO

LIVRARIA AUGUSTO FERIN

70, Rua Nova do Almada, 70

LISBOA

LISBOA
TYPOGRAPHIA ELZEVIRIANA

Praça dos Restauradores, 50 a 56

1884

AO LEITOR

La pensée est pouvoir,
Tout pouvoir est devoir.

Victor Hugo.

O auctor d'este livro não se illude. Sabe que não ha de ser lido por muitos, e que ha de agradar a muito poucos. *← ambel*

Intercalou todas as citações no texto; por que não ignora, que em notas ou appendices raras vezes são lidas — e para que o sejam, desornou este trabalho de toda a fôrma artistica e elegante.

Demais — e será este o verdadeiro ponto de reparo — não afaga, nem anima paixões partidarias, não adora fetiches, não se prende com preconceitos, nem occulta, com euphemismos e periphrases, a verdade — pelo contrario — expõe-a em toda a sua desnudez.

antel
→

Não é para crer, que nos thesoiros da misericórdia politica haja absolvição para semelhante delicto. As sociedades em decadencia vigiam, com zelo pharisaico, o pudor da fórma, e guardam, para uso externo, todos os requintes da pudicicia, e todos os adjectivos que, na sua humilidade, rebentam de abjecção e de vileza. Já em Byzancio era assim.

Aqui, porém, ha verdades amargas, arremeçadas rudemente sem precauções de estylo, nem ceremoniosas prevenções, que vão perturbar, talvez, o doce socego de muitas consciencias timoratas, e patentear a inanidade de muitos prejuizos, que teem vivido vida regalada á sombra de centenares de phrases emphaticas e empoladas.

Não falamos das nossas brilhantes tradições, d'essa sublime epopéa de que deixámos padrões gloriosos em todo o globo — e para este nosso protesto vem aqui adrede o que diz um illustre escriptor: «Portugal depois da sua participação decisiva nos acontecimentos, que transformaram a sociedade, converteu-se em um dos mais gloriosos obreiros da civilisação, predominando pela intelligencia e com o exemplo para o exito da

mais audaciosa empresa a que podia atrever-se o genio de uma nação, e gravou com o punho de seus navegadores talvez a mais formosa pagina dos annaes do mundo».

Mas esses tempos vão passados, e sumiram-se esses nobres feitos debaixo da loisa, que cobre os guerreiros d'Africa, e os heroes do Oriente. A decomposição veio mais tarde.

A dissimulação, no momento actual, só póde enganar aquelles que desejam ser illudidos. A verdade, exposta sem atavios nem adornos, é, por vezes, na vida intellectual o que os amargos são para a vida physica: um tonico energico e incitante.

A depressão de forças d'esta sociedade está caracterisada, pela mais insuspeita diagnose, em anemia cerebral. Em lugar de organismos ricos de sangue, e perfeitos em todas as suas funcções, em vez de caracteres inteiros, imperturbaveis, opulentos de dignidade e de crenças — encontramos organismos chloroticos e estiolados, caracteres desmaiados, coloridos a meias tintas, com meios tons, que desbotam ao primeiro revez nas luctas pela existencia, sem typo de grandeza, nem de absoluta depravação moral — compos-

tos de fragmentos de vícios e de virtudes, mosaicos de residuos de crenças, e de fezes de scepticismo, de residuos de perseverança, e de fezes de malevolencia — possuem até fragmentos de crimes, mas tão limitados, tão infinitamente pequenos, tão vascolejados na decima ou trigesima dynamisação, que escoam, pelas folhas das leis criminaes, sem depositarem sedimentos nas arestas da penalidade.

Para estudar esta variedade de exemplares tão sumidos e apagados, refractarios a todas as idéas grandiosas, são precisas lentes de tanta força como se applicam á analyse dos vibriões ou do microbio da typhoemia.

A proposito da alteração morbida da nossa raça, d'esta nevrose, que tem symptomas lugubres e sombrios, dizia ha pouco um espirituoso escriptor francez: «Já não ha quem se embriague com nectar, nem com vinho, já ninguem se inebria nem de cholera, nem de enthusiasmo, nem de amor.» De feito, entre nós, a muito custo sómente o carrascão ou o absintho, o cantador do fado ou a cortezan peregrina e impudica conseguirão arrancar alguma tenue centelha de exaltação momentanea a uma geração enfraquecida

e prostrada. É a feição predominante dos nossos tempos uma sede immoderada e ardentissima por toda a especie de commodos materiaes, uma debilidade intellectual assustadora, que se esquivava á defeza e á responsabilidade de qualquer crença, e uma repugnancia invencivel, uma aversão insuperavel em praticar actos, que, em lugar de terem por mira o interesse mundano, sejam a manifestação ruidosa d'uma idéa ou a expressão nobilissima d'um grande sentimento.

A inteireza e virilidade d'animo vão-se extinguindo, no meio d'um sybaritismo tedioso e ignobil. Ainda ha pouco, quando uma epidemia, aliás mais benigna do que nas invasões anteriores, acommetteu a Europa, as raças germanica, slava, anglo-saxonia e scandinava encararam impassiveis o flagello, emquanto que a raça latina ergueu clamores de agonia, e levou, n'alguns casos, o panico até ao extremo do suicidio.

Parece que aos povos do Norte está, de novo, reservada a missão de vir tonificar os descendentes degenerados da gente romana.

É certo que o auctor será por alguns apodado de utopista e visionario, e por outros de espirito irrequieto e de revolucionario audacissimo, como,

louvado Deus, o tem sido mais vezes. Pouco importa.

A uns e a outros responde — que uma utopia é, as mais das vezes, uma verdade prematura — diz-lhes, com Augusto Comte, que assim como ha uma hypothese no cume de toda a concepção scientifica, ha, tambem, uma utopia no cume de toda a concepção social — observa-lhes, finalmente, com Naquet, que uma utopia não é mais do que uma hypothese sociologica.

Bastava que uma utopia fosse um conforto, uma consolação, um ideal, no meio do desmoronamento de todas as crenças, e do scepticismo profundo, que vae corroendo tantos espiritos, para que essa visão do futuro devesse ser abençoada.

Quaes são os problemas que este livro resolve? Não resolve nenhum.

Seria d'uma insania digna de lastima, que o auctor d'este livro, longe dos poderosos focos de actividade intellectual, e o mais obscuro obreiro n'estas luctas da civilisação, pretendesse elucidar as gravissimas questões, que trazem perplexos e hesitantes os mais eminentes pensadores e os mais illustres talentos d'este seculo.

O unico pensamento, que presidiu á elaboração d'este trabalho, foi dissecar os elementos que constituem a sociedade portugueza, sondar bem fundo os pantanos d'onde se evolvem os miasmas, que corrompem a nossa atmospheria politica e social, e mostrar o que valem certos panegyricos imaginosos, nascidos de falsas lendas, sobre que dormimos o somno da mais alvar inepticia, e da mais descuidosa imprevidencia. Não é propheta nem vidente, e ainda que o fôra, veria baldado o seu empenho; por que não se detem uma sociedade, na carreira vertiginiosa em que esta se precipita, avida em satisfazer necessidades, as mais d'ellas ephemeras, e em alcançar, sem attender á torpeza dos expedientes, os meios para alargar a area dos seus appetites e prazeres.

Quando algum espirito reflexivo — d'aquelles que em phrase ministerial se chamam espiritos melancolicos ou enfermos — receioso da falta de attenção que merecem, aqui, as graves questões sociaes, ousa balbuciar algumas doutrinas das escolas modernas, temos ouvido vultos conspicios e venerados, que medram nas altas regiões da politica, perguntar com uma admiração inge-

x não é lo em frase ministerial

nua: «*Mas que tem o senhor com isso?*» E se o espirito culto insiste, e, arrastado pelos seus proprios raciocinios, se eleva a qualquer problema scientifico, recebe, como réplica, um sorriso zombeteiro e de escarneo, e horas depois repete-se em todos os salões, que endoideceu, que faz dó a sua exaltação, e que ha muito que vivia na lua.

O optimismo, por mais insensato e absurdo que seja — esse não. Esse dá fôro de gravidade — esse prova que o individuo é homem sisudo, espirito serio e bom cidadão.

Suppor um equilibrio europeu, que nos proteja, que nos considere, e que faça todos os sacrificios para nos manter, seja qual fôr a insania da nossa politica interna e externa, agora, que uma remodelação de direitos na Africa, nos deixará apenas uma soberania ficticia e illusoria, é d'um optimismo por tal fórma maravilhoso, que nos faz receiar, que a demencia seja uma enfermidade epidemica e contagiosa. Imaginar que este ruido surdo, que revela a aproximação das grandes luctas com o quarto estado, é apenas a allucinação d'alguns espiritos febris e impacientes, explica-nos como é certo, que os partidos conservadores não esquecem, nem aprendem

nada. Decididamente a phrase de Luiz XV: «Après moi le déluge», só tem uma traducção singela em portuguez: «Quem vier detraz de mim que feche a porta». Não soffre duvida que se continuarmos a descer, por este resvaladoiro de empréstimos, de prodigalidades e de inercia, iremos despenhar-nos no precipicio da absorpção ou do protectorado — a perda da patria ou a perda da dignidade nacional.

Um eminente escriptor contemporaneo, apreciando uma das phases da vida preterita de Portugal, escreveu os seguintes periodos, que parecem vir talhados de molde para o momento historico actual: «A rebelião e a guerra civil puniram a incapacidade da politica interior. As derrotas e o abatimento castigaram a cegueira e os desvarios da politica externa. Tudo se tornára falso, fragil e artificial, e por isso nas horas de adversidade tudo faltou ás mãos ineptas, que tentavam a obra impossivel de restaurar o passado no meio do terremoto de uma transformação dolorosa, mas inevitavel».

Este sinistro quadro projecta as suas sombras até aos nossos dias.

Confortam-nos as leis da evolução. Os pheno-

menos de destruição organica, ensina Claude Bernard, tem por expressão as manifestações vitales. Póde-se considerar como axioma physiologico a seguinte proposição: «Toda a manifestação vital está necessariamente ligada a uma destruição organica». Lavoisier prende todos os phenomenos de destruição organica a um d'estes tres typos: fermentação, combustão, e putrefacção. É por estes processos de desorganisação que a materia organisada se decompõe, e prepara novas transformações, e novas manifestações de vitalidade.

No mundo moral as leis são identicas. Da agonia das idéas, da decomposição dos sentimentos e da depravação das sociedades irrompem novas crenças, surgem outros ideaes, e abrem-se novos horisontes á humanidade.

Marc-Antonio Giustinian, sendo embaixador de Veneza na côrte de França, em 1667, foi informado que Luiz XIV estava vivamente resentido com elle, pelas offensas graves, que fizera á coroa, nas suas correspondencias com o governo da Republica. O veneziano participou logo este facto ao Senado, queixou-se amargamente da inconfidencia, que houvera com os despachos

Los 2 últimos

San Juan de los Rios

1711

reservados, e, depois d'algumas pungentes ironias, rematou com notavel hombridade: «Perdoem-me vossas excellencias se lhes falo com esta audacia, por que a paixão me domina; mas se não tivesse coragem para lhes dizer o que sinto, não seria eu homem nem cidadão».

O embaixador de Veneza conhecia a sua patria. Sabia que a verdade era alli apreciada, e que a abnegação e o desinteresse mereciam sempre o respeito e os applausos da Republica.

Lisboa, 22 de dezembro de 1884.

Visconde de Ouguella.

En resumé, dans la lutte des nations pour la vie, l'avenir assurera le triomphe au peuple qui aura compris que la plus haute culture intellectuelle, morale et sociale, est aussi la plus nécessaire à sa grandeur et à sa puissance.

Alfred Fouillée.

Et quant à empêcher cette floraison malsaine de vices, il n'y faudra rien moins qu'une de ces révolutions morales que les politiques ne prévoient ni ne font, et qui viennent d'un mystérieux inconnu, comme le vent du ciel qui emporte les pestes.

As sciencias modernas, assim como todas as religiões, desde o fetichismo e o animismo mais rudimentares até ás mais perfeitas expressões dos cultos aryano e semitico, ensinam-nos a respeitar as gerações que passaram. Devemos-lhes muito. Herdámos d'ellas os capitaes materiaes e circulantes, que formam uma grande parte da riqueza das nações, recebemos das suas mãos o

grande cabedal de conhecimentos, de descobertas, de inventos e de experiencias, que assombra pela sua vastidão, e que enriqueceu com a maior opulencia os nossos cerebros, e devemos-lhes, finalmente, a grande somma de acções reflexas, e o desenvolvimento progressivo de todos os aparelhos, que constituem a perfeição actual dos organismos da nossa raça.

Só uma profunda ignorancia ou uma completa inconsciencia de todos os phenomenos que nos cercam, e do meio em que vivemos, podem explicar o esquecimento do que devemos aos que existiram ou o desprezo que alguns possam ter pelos seus actos.

As liberdades que hoje possuímos, as commodidades, os confortos, o bem estar que gosamos, e os vastos horisontes abertos pela sciencia, pelas industrias, pela navega-

ção e pelo commercio, que as sociedades modernas alcançaram, devemol-os aos sacrificios, ás fadigas e á tenacidade dos que nos antecederam nas luctas pela existencia.

As familias civilisadas d'este periodo historico adquiriram o trabalho accumulado de todas as gerações que se finaram, e teem, na perfeição dos seus organismos, a synthese do constante desenvolvimento da raça que representam.

Sem nos prendermos a nenhuma cosmogonia determinada, longe de todas as concepções teleologicas, e de todas as noções positivistas, distanciados, para esta hypothese, de todas as theodiceas e de todas as escolas metaphysicas — a vida é, no grande rigor scientifico, um deposito sagrado para o homem que a possue, tendo como ideal a consciencia do dever, com toda a energia e na vasta amplidão em que se possa mani-

com sacrificios de virtudes q se perderem, como a valentia pessoal.

festar. Ignorante do fim mysterioso da sua existencia, insciente da causa para que foi creado, possuidor de faculdades e sentidos aptos para grandiosos desenvolvimentos, e para variadas transformações, tendo um cerebro onde se formulam as mais nobres aspirações, e onde surge a consciencia, que é como um reflector da inspiração divina — n'estas condições, o homem é obrigado estrictamente ao aperfeiçoamento do seu ser, para transmittir ás gerações que vierem, augmentada, a herança que recebeu das que passaram. *(a vida encarada pelo sentimento)*

Quaesquer que sejam as crenças religiosas do individuo, quaesquer que sejam as praticas piedosas ou os preceitos liturgicos a que esteja adstricto, o dever e sempre o dever inalteravel, incessante e infrangivel é a base e a norma da sua existencia.

A vida, se não póde ser um sacrificio de

todas as horas, e uma negação constante de todas as nossas aptidões, como quer que seja o mysticismo delirante, apavorado pelo crepitar das chammas d'um imaginoso inferno, todavia não é tambem, nem deve ser um lupanar aberto a todas as devassidões, em que se satisfaçam os mais brutaes desejos, e em que se aviltem as nobres faculdades de que somos dotados.

Em presença da sciencia, a vida é triste, por que além das pungentes duvidas do nosso espirito, afóra os perigos que nos rodeiam, e que precisamos a cada instante debellar, á parte o fim mysterioso da nossa existencia, independentemente da lucta que nos gasta as forças, e que, depois de debilitados ou exangues, nos arremessa ao tumulto — a vida é triste, dizemos nós, porque somos elementos quasi inconscientes na deslumbrante evolução de todo o universo.

É por isso mesmo que, convictos, n'esta phase da civilisação, de que o maximo desenvolvimento do nosso organismo, por meio d'uma constante evoluçãõ, parece ser o fim a que por emquanto estamos destinados, compete-nos acompanhar esta lei, dando-lhe todo o auxilio que em nossas forças cabe, e que se póde exprimir pelo rigoroso cumprimento do dever.

Ser livre pensador, para regeitar tudo quanto os seculos teem enthesoirado de crenças e de respeitos, sem uma larga meditação ácerca da lenta marcha da humanidade, nem um copioso cabedal de conhecimentos para lhe analysar as penosas luctas, e seguir o luminoso rasto, afigura-se-nos uma needade tão pueril, que só a podemos considerar como a manifestação evidente d'uma extrema ignorancia ou d'um cerebro morbido. - o q̄ difere do livre exame

*Finalis-
mo imagi-
nario*

*Oray
essa.*

A instrucção e a educação são as duas bases em que deve assentar a vida das novas gerações. Mas não a instrucção rudimentar, que serve apenas para perturbar a intelligencia, sem a educar para o amor do bello, e sem robustecer o espirito para as luctas da concorrência vital. Já alguém o ponderou: a influencia moralisadora do saber só começa no momento em que este deixa de ser uma ferramenta, para se tornar um objecto d'arte. Moralisar é arrancar o espirito á influencia dos egoismos excessivos, das paixões ferozes, dos interesses puramente materiaes, e elevá-lo ás regiões serenas dos nobres sentimentos, onde a probidade inconcussa, o enthusiasmo pelas grandes dedicações, o respeito pelos bons, e a actividade e o trabalho se tomam como o diapasão de todas as acções da humanidade.

Intencionalmente distinguimos educação e instrucção, para separarmos idéas que conduzem a fins diversos, e dão resultados que nem sempre são identicos. Póde-se ser uma intelligencia profundamente instruida, e ao mesmo tempo merecer fama de pessimo cidadão. Spencer e Bluntschli, partindo de escolas completamente diversas, encontram-se n'um ponto que para a sociologia é de maxima ponderação. Affirmam ambos que sem educação politica não póde haver a verdadeira liberdade nas democracias modernas.

De feito, com a educação politica, recebe o homem a noção justa e exacta da sua missão na terra entre os seus eguaes, e, fortalecido com a san doutrina, que lhe deu o respeito pela sua propria dignidade, acceita todos os deveres, ainda os mais rigorosos, que lhe cabem, como se acceita um posto

de perigo no ardor da mais renhida peleja. Ensinar as sociedades a acceitar a vida como um dever é preparar cidadãos para defenderem a patria, é dispor homens para todas as luctas da existencia, é fortalecel-os para não se acovardarem em presença dos perigos, é formal-os para comprehenderem as noções do bello e do justo, é modelar-lhes a consciencia para lhes dar todas as emoções dos mais generosos ideaes, é finalmente educar as gerações novas, para entrarem, no seculo que se aproxima, retemperadas pela fé, nos destinos maravilhosos da humanidade.

É esta a nossa missão. E se a esquecermos, e se, cegos por miseraveis pugnas de ambições e de rivalidades, prepararmos por meio de loucas antecipações a bancarrota do futuro, e diminuirmos as crenças, e apagarmos o facho de luz que deve guiar aquelles

que nos hão de succeder — o quarto estado, na explosão das suas vindictas, saberá dar-nos a recompensa da nossa imprevidencia, e da nossa desmedida insania.

Abaladas as crenças religiosas, e por isso perturbado o ideal do christianismo, confundidas as noções da moral com a idéa utilitaria, e por esta arte quasi extinctas as mais nobres aspirações da humanidade — onde irão as gerações modernas deparar com o luzeiro, que as guie, atravez dos egoismos da concorrência, e por meio das sombras, que a miseria e o scepticismo originam?

Não será de certo uma instrucção puramente scientifica, que lhes rasgará no horizonte os ideaes das crenças generosas. Não é provavel que a educação profissional e technica lhes abra as portas a essas torrentes de luz.

A consciencia, na sua fórma progressiva, educa-se no homem, assim como tem a sua evolução nas sociedades.

Entre as duvidas e incertezas de hoje levantemos tão alto as noções do bello e do justo, que não haja receio que as destruam as convulsões sociaes de amanhã. *(então são absolutas)*

Façamos, pois, que a instrucção não seja só scientifica e profissional — façamos que seja tambem moralisadora. Demos ao sentimento e á emoção o logar de honra que lhes compete na vida psychica dos povos. Expliquemos á infancia até onde o egoismo é uma lei natural, e por isso inexoravelmente necessaria, façamos-lhe depois sentir onde começa o altruismo, que é ainda outra lei tão util e tão benefica como aquella, mostremos-lhe, em seguida, que a combinação d'estas duas leis dá a harmonia das sociedades, e quando as gerações novas ti-

verem comprehendido o equilibrio d'estes
dois principios encontrarão, sem esforço, na
sua consciencia, a noção justa e rigorosa do
dever.



O povo romano, desde o começo dos
seus annaes até á declinação da epocha dos
cesares, teve uma existencia tão longa e tão
grandiosa, no meio dos embates, das con-
vulsões, e das luctas em que tão variadas ve-
zes se viu empenhado, porque, além do res-
peito pela lei, e do seu entranhado amor
pela patria, possuia, no mais alto grau, o
fecundo genio da assimilação. Roma fasci-
nava e deslumbrava. Deuses, costumes, ar-

mas, tactica, inventos e vestuários de inimigos e de aliados, de tudo se apossava a feiticeira. E por tal arte se conduzia nos seus propositos de apropriação, que ainda os povos mais refractarios á civilisação latina, e mais propensos, por origem e costumes, ás influencias semiticas, esses mesmos, levados por um hypnotismo inconcebivel, lhe cahiam adormecidos no regaço.

É que a cidade de Romulo nunca duvidou dos seus destinos. Quando Annibal acampava nas planicies do Lacio, vendia ella, a crente, em leilão publico, os terrenos occupados pelos mercenarios de Carthago. Podia descrêr da sinceridade de Catão, não confiar na honra dos Scipiões, censurar o procedimento dos Gracchos — mas duvidar da patria, duvidar da civilisação latina; mas Roma duvidar de Roma — nunca.

Este e só este é o grande segredo da po-

litica romana, da sua civilisação, das suas conquistas, e das suas constantes assimilações.

Egual vereda seguiu o christianismo desde o iv até ao xiii seculo, nos pontos em que a lição lhe era util e vantajosa.

Possuidor de uma religião semitica, baseada na biblia do mosaismo e nos evangelhos da lei nova, devassou todas as crenças da Asia, inquiriu das idéas, das cerimonias, dos costumes, e das praticas liturgicas de todos os povos, na Chaldéa, no Egypto, na Persia e nas margens do Ganges, identificou-se com todas as escolas da Grecia desde Platão até Aristoteles, e buscou em Alexandria os ultimos preceitos da philosophia hellenica, alliada com os devaneios das crenças orientaes. Esta somma de conhecimentos comprehendia tudo quanto o espirito humano podera investigar. (então)

Na magnificencia das suas pompas, no symbolismo dos seus ritos, na forma esthetica do seu culto, e na suavidade dos seus preceitos abrangera não só todas as expressões do bello, mas tudo quanto a sciencia, a philosophia e a arte tinham revelado á humanidade.

Até ao seculo XIII a Egreja dominava o homem pelo cerebro, pelo coração e pelo lar domestico. Deslumbrava-o com os seus esplendores, assenhoreara-se-lhe do entendimento pela sciencia, prendia-lhe a vida e a familia pelos sacramentos, sensibilisava-o pela misericordia, commovia-o pela caridade, e pelo anathema apavorava-o.

Nunca a evolução dera poderes tão vastos a um elemento civilizador, e por isso a assimilação do imperio, pela conquista, rasgou immensos horizontes a esta formidavel força social.

A religião do Nazareno, na expansão do seu proselytismo, captivára as mais superiores intelligencias do mundo civilizado. As duas Igrejas, no Oriente e no Occidente, rivalisavam em eloquencia e em erudição. S. João Chrysostomo, S. Basilio, S. Gregorio, Santo Ambrosio, S. Jeronymo, e Santo Agostinho valiam mais do que todos os sophistas pagãos, e mais do que aquelles que os haviam precedido, ainda nos famosos tempos de Tacito e de Plutarcho.

Vejamos com o animo despreoccupado, e analysemos serenamente. Nunca a humanidade assistira a um acontecimento tão imponente e tão maravilhoso. Uma pequena seita de gente da plebe, fundada lá no fundo da Palestina, arvorava como symbolo de redempção a cruz, onde fôra suppliciado o filho d'um operario de Nazareth, na Galiléa. Correra um vago rumor d'esta

nova crença, mas só cathechisava, e fazia proselytos entre os escravos, e as ultimas fezes da população romana.

Quando Nero, para desviar as suspeitas de ter sido elle o incendiario de Roma, procurou achar culpados, castigou, refere Tacito, com as penas mais horrorosas a certos homens que, já d'antes odiados por seus crimes, o vulgo chamava *Christãos*. O auctor d'este seu nome, accrescenta o mesmo historiador, foi *Christo*, que no governo de Tiberio foi condemnado ao ultimo supplicio pelo procurador Poncio Pilatos. A sua perniciosa superstição, que até ali tinha estado reprimida, já tornava de novo a grassar não só por toda a Judea, origem d'este mal, mas até dentro de Roma, aonde todas as atrocidades do universo, e tudo quanto ha de mais vergonhoso vem em fim accumular-se, e sempre acham acolhimento.

Era assim, que a Roma civilisada considerava o christianismo. E, todavia, no fim d'este longo martyrio estava o triumpho. A religião de Jesus não era o que foram as religiões da antiguidade. Nenhum grande pensamento moral, diz um illustre escriptor, podia sahir das raças aviltadas por um despotismo secular, e costumadas a instituições, que roubavam quasi todo o exercicio á liberdade dos individuos.

O christianismo, além de ensinar á humanidade os preceitos mais puros d'uma moral quasi ideal, arredava-a do sensualismo de todos os cultos do passado, afastava-a d'essas cerimoniaes impuras, e dos vergonhosos mysterios, inventados no ocio voluptuoso, e effeminado da Asia, acabava com as immolações, e sacrificios cruentos de seitas ferozes, minorava as provações da

*X mas inventa
va outros*

quem sempre foi assim

vida com uma misericórdia dulcíssima, e altamente protectora, e trazia, envolto no esplendor do seu credo, uma profunda transformação social.

Roma, que fôra tão tolerante para com todos os ritos do oriente, estremecia, por um presentimento indefinível, em presença das suavíssimas palavras de Jesus. E do pavor passou á crueldade, e á louca idéa do exterminio d'esta crença, que ia ser a religião do futuro, e uma das origens da civilização moderna.

Esta evolução do mosaismo foi caminhando lentamente, foi ganhando corpo, foi filtrando atravez de todas as camadas sociaes, e, seculos depois, por meio de uma synthese grandiosa de todas as crenças do passado, fundidas na idéa christã, condensava-se n'um corpo de doutrina, em que appareciam ligadas a religião e a sciencia, a fé e a philoso-

phia. Vencera S. Paulo. Foi elle que disse: «Não ha accepção de pessoas para Deus». As religiões pagans da antiguidade, que estavam mais ou menos ligadas á constituição politica ou ao estado social de cada povo, e que conservavam, até nos seus dogmas, uma pronunciada feição nacional, e muitas vezes profundamente local, encerravam-se nos limites do seu territorio, occultavam-se mysteriosamente no fundo dos seus sanctuarios ou no recinto dos seus templos. Mas o christianismo, levado pelo genio do convertido da estrada de Damasco, libertou-se das praticas mosaicas, desprendeu-se de todos os laços, que o podiam vincular a um povo, a uma fórma de governo, a um estado social, a uma epocha, ou a uma raça, e por isso conquistou em pouco tempo um grande numero de povos. Os seus discipulos falavam todas as linguas do mundo civilisado, o gre-

go, o hebraico, o latim, o arabe, e os dialectos mais cultos do oriente, vinham em nome d'um Deus que se fizera homem, e que vivera entre os pobres, os infelizes e os desgraçados — promettiam recompensas infinitas n'um outro mundo, onde Deus estaria presente na immensa magestade da sua gloria, e, descendo da mais elevada philosophia das suas crenças, tinham palavras de consolação, e de conforto para os que soffriam, e phrases singelas, e intelligiveis para os humildes, e para os ignorantes. Não pactuavam com as fragilidades dos poderosos, não transigiam com os vicios dos grandes, severos e justos exigiam dos que peccavam longas penitencias, e confissões publicas. Rodeada de todas as pompas, e de todas as magnificencias, que o espirito humano podia conceber, a Egreja impunha-se a todos os povos, e amedrontava, com um terror

penitencia, de
 pois viu
 Ora era

sagrado, os barbaros que ousavam aproximar-se dos seus templos.

Ainda a destruição de Jerusalem, depois d'um cerco muito mais horrivel do que o assedio de Carthago, parecia um testemunho evidente da doutrina que prégavam os defensores do Nazareno. A responsabilidade do incendio do templo, e do morticinio assombroso dos judeus coube ao polytheismo. Afastados, pois, todos os obstaculos que podiam impedir a sua acção, o christianismo, aproveitando a vastidão do imperio que a politica romana tinha creado, arremessou-se como uma torrente, e pelas estradas abertas pelas legiões para conquistarem territorios, caminharam os christãos para conquistarem consciencias.

Era a primeira vez que, em nome d'uma religião de amor, de paz e de caridade, se fazia uma propaganda tão colossal sem dis-

tincções de raça, de patria, de lingua, nem de familia.

Falar ás multidões em humanidade, em justiça e em egualdade, era falar-lhes uma linguagem nova, e por tal fórma seductora, que as mulheres, os escravos, e os infelizes corriam pressurosos a ouvir a boa nova, e entregavam-se, sem hesitação, á crença que os buscava. *(pouco serem enganados)*

Foi assim que o christianismo, encontrando todos estes elementos prodigiosos já preparados, poudes assentar as bases da sua Egreja, por fórma tal, que, no seculo XIII, tinha concluido a sua obra, e, com ella, uma das maiores senão a maior maravilha das leis sociologicas.

Tudo jazia em ruinas, tudo passára — imperio romano, reacção do polytheismo, invasões de barbaros, luctas das primeiras heresias, desobediencias de reis, anarchias do

clero, tudo terminára. Acima de todas as influencias, de todos os poderes e de todas as coroas, levantava-se a influencia suprema — a Igreja de Christo.

Findára este periodo evolutivo — ia surgir a aurora d'uma nova transformação.



Não imaginemos, que este predomínio do christianismo destruiu todos os males, que affligiam os povos. As sociedades do occidente caminhavam, sem duvida, para novos destinos, mas a sua marcha faziam-a por meio de ruinas, e de destroços. A Europa,

até ao seculo x, atravessou uma epocha de inteira dissolução.

O christianismo levantára a dignidade humana, porque reputava todos os homens eguaes e irmãos. Mas continha-os sob a sua tutela, porque só a Igreja se dizia depositaria da verdade eterna, só ella estabelecia o dogma, só elle determinava a penalidade, e só ella era a consciencia e o cerebro de cada individuo, porque lhe prohibia o uso da sua razão para examinar o fundamento, e as bases da sua crença, e da sua justiça. Creára para o christão um estado puramente passivo — mas a passividade exclue totalmente a idea do dever moral. Para que a verdadeira moralidade exista, é preciso que o homem faça o bem, não porque um poder divino lh'o ordena, mas sim, porque sente que é o bem, não pelo receio da pena, ou pela fé na recompensa que o espera,

o q depois
fingiu se
futar

note-se

note-se

mas sim, porque deve cumprir o seu dever, independentemente das consequencias que d'ahi possam resultar.

Ora, para a consciencia ter a noção exacta do dever, e sentir a necessidade de o cumprir, fóra de todas as influencias extranhas á vontade, e sem attender nem a premios nem a castigos, para isso era necessario mais do que uma evolução, e n'uma epocha de infancia para os povos, que, como creanças, careciam de ser guiados, não podiam estes descortinar principios, que nem a reforma do seculo xvi poudes formular. O christianismo era, porém, uma vereda cheia de luz, que ia conduzir a humanidade a um largo e rasgado aperfeiçoamento moral. Os abusos e ruinas vinham preparados por sociedades, que se debatiam entre a corrupção romana, e a barbarie germanica. N'esta transição afflictiva, e cheia de lances, em

mas dizia que a Fé mudava o mundo

que dominava a força, não era a Igreja que podia, só com a fé, pôr estorvos á immensa anarchia que lavrava em toda a parte.

Demais, o fim do christianismo não era dar a liberdade ao mundo. A noção grandiosa d'esta idéa nem a podiam comprehender as multidões de libertos, de escravos, de colonos, e de servos da gleba, que se iniciavam, pelo baptismo, n'esta nova religião. A Igreja contentava-se em prégar a humildade, e a submissão ás victimas dos tyranos, e dos poderosos, e em lhes proporcionar os thesoiros da sua prodigiosa caridade.

claro

Dem
pouco,
menos para
ellas

A theocracia, na sua fórma hieratica, inaugurára os principios democraticos. Do mais infimo logar da plebe, subia-se, pela ordenação, aos mais elevados cargos ecclesiasticos. A Igreja estabelecia a egualdade, recebendo os servos em todas as honras,

e dignidades da sua hierarchia. Como, no regimen barbaro dos primeiros seculos, os homens livres não podiam fazer parte do clero sem auctorisação regia, viu-se obrigada a Egreja a fazer diaconos, e presbyteros muitos servos, que ella propria resgatava. Os seus colonos formavam uma classe privilegiada entre a servidão e a liberdade, e os seus thesoiros eram, em grande parte, applicados a redimir captivos, a libertar escravos, a soccorrer indigentes, a proteger orphãos e viuvvas, e a prover ás despesas de hospitaes e albergarias. Foi pelo exercicio dos mais generosos preceitos de humanidade, que a Egreja humanou os povos, amaciando-lhes lentamente a ferocidade, e a bruteza.

Para minorar as crueldades dos desafios e vindictas, herança germanica tida em favor pela barbaridade dos tempos, cercou as

ordalias ou Juizos de Deus com tantas ceremonias religiosas, que, muitas vezes, estas provas judiciaes redundavam em proveito da justiça, e do direito. Entregues sómente á aspereza, e maldade dos barbaros, seriam estes reptos a deshonna, e a ruina da sociedade.

A excommunhão era tambem uma arma poderosa, com as solemnidades e praticas liturgicas, que acompanhavam a maldição da Egreja. Apavorava-se o barbaro ao serem arremeçadas, na nave do templo, as tochas a cujo clarão o clero pronunciava o anathema, e ao sentir o sinistro estrondo das portas da cathedral, cerrando-se impetuosamente sobre elle. E foi com estes terrores, que as sociedades modernas não podem avaliar, que a Egreja poude impunemente estabelecer asylos, onde os opprimidos, e os fracos encontravam protecção, e refugio.

Esta immensa caridade, que se revelava por todas as fórmas, e que se mantinha incessantemente velando pelos que soffriam, deu ao christianismo um prestigio, e um poder moral a que nada póde ser comparado n'este seculo de insensibilidade, e de descrença. *Esta u vendo*

É evidente, que nem esta protecção, nem os Juizos de Deus, nem os asylos se podiam acceitar hoje, no estado de civilisação em que nos achamos; mas nos periodos de barbarie, em que não existiam instituições civis de caridade, em que a ferocidade dos costumes, e as tradições permittiam o desforço pessoal, e a vingança, e em que os fortes esmagavam os fracos sem misericordia, nem temor do castigo dos homens, a protecção da Egreja era o supremo beneficio, a unica esperanza, e o extremo conforto das victimas e dos desgraçados. *Hoje*

do lado dos fortes)

A Igreja achava-se só, no meio d'esta desolação, e de todas as ruínas das civilizações antigas. Os sarracenos conquistaram em menos d'um seculo uma grande parte da Asia, da Africa, e a península hispanica. Sem a resistencia dos carlovingeos, nas planicies de Poitiers, apossar-se-hiam da Europa central quando se arremeçaram, como uma torrente, pelas vertentes dos Pyrenéos. Portanto, os verdadeiros senhores do mundo conhecido eram os barbaros, e os arabes — o papa, e o califa.

Embora os imperadores de Constantino-
pla, quando eram coroados, se faziam ac-
clamar, pelo povo, senhores do universo, os
cesares gregos nem sequer suspeitavam a
existencia da America, e da Oceania, ou-
viam apenas falar do vastissimo imperio
da China, conheciam a India sómente pelas
narrações dos gregos, disputaram-lhes a

Asia os persas, e o norte da Europa ainda não lhes mostrára todos os povos germanicos, e scandinavos, que haviam de pôr termo ás corrupções, e ás orgias da civilisação romana. Apesar do desprezo que a população de Byzancio conservava pelos homens do norte — desprezo igual ao que os hellenos tinham sempre manifestado a todos os estrangeiros, a verdade é, que os cesares só tinham d'imperador universal a pompa, o ceremonial, e os titulos. Appellidavam-se reis dos reis, e estremeciam detraz das suas muralhas com o pavor, que lhes incutiam os pastores arabes, e os guerreiros do Islam, escarneciam os barbaros, e apressavam-se a pagar-lhes os tributos que estes exigiam, e a ceder-lhes terrenos e provincias, quando estes os tomavam pela força, ou por zombaria simulavam requisitar-lh'os. Era assim que os barbaros, sentindo a fraqueza do im-

perio do Oriente, lhes atiravam ás faces o insulto e o escarneo. Um dia os Gepidos apoderaram-se das fortalezas de Sirmium, e de Belgrado, que guardavam a fronteira do Danubio, e para se justificarem diziam a Justiniano: «Os vossos dominios são tão extensos, as vossas cidades tão numerosas, que buscaes incessantemente nações a quem possaes entregar estes territorios inuteis. Nós somos vossos fieis alliados, antecipámo-nos á vossa generosidade, mostrámos ter nas vossas bondades uma justa e inteira confiança.» Estas insolencias ficaram impunes — mais ainda: eram compensadas com a auctorisação do furto, e da rapina.

Para que o quadro tenha todos os effeitos de luz, e não fique na sombra nenhuma feição característica do abatimento, e da depressão moral a que chegára Byzancio, referiremos mais um facto. O bispo Luitprando

fôra a Constantinopla como embaixador. «Vós não sois romanos, disseram-lhe os gregos: sois Lombardos, Francos e Saxonios.» Foi então que o prelado lhes deu aquella frisante resposta, que grava tão profundamente a opposição da barbarie germanica, e da decrepidez romana: «Nós outros, Lombardos, Saxonios, e Francos a maior injuria que temos para dizer a um homem, é chamar-lhe romano. Significa para nós este vocabulo, tudo o que se póde imaginar de vileza, de cobardia, de cubiça, de lascivia e de mentira.»

|| Eis aqui o que era o baixo imperio.

Se nos fôra permittido alongar a tela onde se podessem debuxar estas torpezas, e esta depravação moral, diriamos como os gregos, cercados de inimigos, esqueciam a patria para armarem constantes rixas, e formarem bandos, interessados nas luctas dos

cocheiros do circo, como os frades, accesos em ira, por estereis disputas theologicas, alagavam de sangue o atrio dos templos, e as naves da cathedral, e como os aulicos e cortezãos, ornados com todos os titulos, e todas as ridiculas pragmaticas, que deixaram rasto na justa expressão de vaidades byzantinas, iam rojar as faces pelo chão aos pés d'uma meretriz coroada — a imperatriz Theodora. *eram cristãos!*

O christianismo não podia regenerar completamente nações, que tinham chegado a estes extremos de ignominia. A regeneração fazia-a pelas mais baixas classes, porque eram sem numero os que soffriam e choravam, e o christianismo ia levar a esses infelizes a palavra de conforto, e o obulo da caridade.

||| Diz um illustre escriptor moderno: «Quando a corrupção viciou os elementos vitaes

d'um povo, não póde ser salvo pelas crenças, só a infusão de sangue novo lhe póde dar vida.»

As invasões dos barbaros, tão lembradas hoje, em allusão ao quarto estado, foram a regeneração salutar da Europa. Sem ellas, as sociedades europeas teriam a sorte que mais tarde coube ao imperio do Oriente.

Sempre sempre
 Todavia o christianismo fundou-se, e er-
 gueu-se no seio d'uma civilisação avançada
 que teve de respeitar, e no meio d'um es-
 tado politico que não podia destruir. Teve
 de transigir com os grandes poderes, com as
 grandes influencias, e assim se explica o pa-
 pel de Constantino quando repudiou o pa-
 ganismo, e a esta luz se devem acceitar
 os louvores com que a Egreja lhe deu nome
 immorredoiro.

A separação da Egreja grega da latina deixou esta na sua inteira independencia,

porque obstava a que os imperadores fossem os seus pontífices, e definidores da sua crença. A Igreja grega cegou-se com a superioridade da sua cultura hellenica, e os fructos d'esta cegueira revelam-se ainda hoje, na situação humilhante, e submissa que conserva no imperio da Russia.

Era, porém, forçoso que Byzancio se conservasse por mais alguns seculos, antes de cahir em presença dos alfanges sarracenos. A Europa tinha de se constituir em reinos, precisava organizar-se, e receber, pelo christianismo, a luz da civilisação. Conhecia as sciencias, e a litteratura gregas apenas pelos trechos, que lhes forneciam as traducções interpoladas, e mutiladas dos arabes.

Aconteceu, pois, que, tomada Constantino-
noplá, depois de creadas as diversas sociedades europeas, os gregos, espalhados pelo occidente, patentearam-nos os thesoiros das

em Roma. Não?

letras hellenicas, activaram o fogo sagrado da civilisação, e concorreram, em parte, para a transformação do mundo moderno — a Renascença.



de roubo As cruzadas foram tambem um elemento poderosissimo da evoluçã^x, e a sua iniciativa partiu do christianismo. Depois que as raças do Oriente tentaram conquistar a Europa, em nome de Allah e de Mohammed, correram os christãos á conquista do santo sepulchro em nome de Jesus Christo. Eram as justas[?] represalias do pavor, que haviam lançado, na christandade, as hordas dos saracenos. As primeiras cruzadas foram devi-

das á fé. «Deus o quer», clamavam os peregrinos guiados por Pedro o Eremita, e sem recursos caminhavam para Jerusalem, com a energia que dá a vontade, illuminada pela crença. Mas as ultimas arremetidas foram originadas pela cubiça, e pela avidez de se apoderarem dos thesoiros, e das riquezas que encerrava o imperio byzantino. São vergonhosas, e cheias d'opprobrio as derradeiras luctas dos cruzados em Constantinopla, na Grecia e na Palestina. Foram, porém, grandiosos para a civilização, os beneficios que se colheram do delirio do fanatismo, e da avidez dos guerreiros, e dos peregrinos christãos. Era limitado, comparativamente, o numero dos senhores feudaes, e dos cavalleiros entre as massas de peonagem que os acompanhavam. Levados, uns pela fé de que se possuiram, outros arrastados pela necessidade

de terem homens d'armas que os seguissem, deram a liberdade a muitos servos, e venderam por baixo preço a gleba e os feudos aos colonos, pela precisão instante e momentanea de acudirem ás despesas da jornada. E tão limitada era a influencia do poder real n'estes tempos de profunda anarchia, que nenhum rei tomou o commando d'estes numerosos exercitos, que enxameavam pelas estradas da Europa, e da Asia. Foi Godofredo de Bouillon que assumiu o commando supremo d'estas hostes fanatisadas. Mas já nas ultimas cruzadas o feudalismo tinha entrado em plena dissolução, e a Europa esboçava a formação de reinos que mais tarde, no seculo xv, se organizaram inteiramente com o enfraquecimento dos grandes vassallos. As communas, compostas de homens livres e libertos, que exerciam o commercio e os seus misteres, nas

villas e cidades, aproveitaram o favoravel ensejo das conquistas no Oriente, para alargarem o ambito das suas operações commerciaes e aperfeiçoarem os seus productos, emprestarem sommas com copiosos interesses aos dissipadores que foram á Palestina, e affirmarem os seus direitos pelas influencias que todas estas causas produziram.

A Egreja aproveitára tambem o enfraquecimento do feudalismo, para tornar reaes e praticos os principios beneficos que dimanam da sua doutrina. Reprovava a effusão de sangue — e se a principio transigira com a crueza dos costumes dos barbaros tolerando os Juizos de Deus, apenas acompanhados d'algumas cerimoniaes, que lhes dessem garantias, contra as aleivosias e traições dos reptadores, acabou, quando se sentiu forte, pelos reprovar e prohibir, e assim fez

com os torneios e justas, que eram o enlevo dos cavalleiros nos tempos medievaes. Populações houve que lhe deveram o socego, e tranquillidade pelas chamadas treguas de Deus — preceito este imposto pela Egreja aos grandes potentados, que, em luctas constantes, sacrificavam provincias, e arrazavam povoações inteiras. A justiça social surgiu com o christianismo na historia das nações. Foi a Egreja que lançou os fundamentos, e consagrou a legitimidade do direito de punir. Para a antiguidade a pena era a vingança feroz, cruenta, e rancorosa. Estavam escriptas na penalidade mosaica, e nas doze taboas da lei romana essas disposições draconianas. Espiritualisou a pena o christianismo. Acabou com a bruteza, e ferocidade da lei de Talião — essa reminiscencia dos preceitos dos Decemviros. Os fins da penalidade só podiam ser a correcção, o exem-

Vide Inquisição

plo e a reabilitação. E para alcançar este progresso, no meio da barbarie dos tempos, era forçoso buscar como base do Direito penal a justiça social, corrigindo os dictamens austeros, e invariaveis da justiça absoluta. A evolução fazia-se vagarosa e lentamente, porque não era facil amaciar costumes, nem crear consciencias simplesmente com a invocação d'uma nova crença. Ficaram subsistindo numerosas crueldades, onde não poudes chegar o braço potente do clero. Ficaram os sombrios, e lugubres carceres da idade média com todos os horrores, e todas as angustias, mesmo para os innocentes, e para as victimas da prepotencia e da malvadez. Ficaram os processos interminaveis e violentos, d'onde a verdade nunca sahia senão vista pelo prisma do interesse, ou da vontade e arbitrio dos juizes. Ficaram os tormentos, esse systema odioso e cruento,

que a Igreja depois ressuscitou

que buscava, dilacerando as carnes do paciente, extorquir-lhe uma confissão, que as mais das vezes era a mentira, porque a victima só pelo embuste se esquivava á agonia e ás dores vivissimas, que lhe causava o eculo ou os milhares de execrandos tratos, que a malvadez humana conseguira inventar.

E, ainda assim, para que o christianismo podesse pôr termo a todas estas ignobeis paginas de sangue, onde se ia escrevendo a historia da humanidade, foram precisas as invasões dos barbaros, fôra necessaria essa immensa anarchia em que se debatiam os povos, fôra preciosamente benefica essa depravação de costumes, e de usos com todos os seus effeitos dissolventes, porque só de uma dissolução tão completa podiam resurgir as sociedades, assentes sobre novas bases. Ha periodos, na historia da humanidade, em que os processos regulares d'uma

evolução harmonica são inefficazes, e por vezes nocivos e arriscados. Assim como nos organismos affectados d'uma anemia caracterisada, onde começam a faltar os elementos vivificantes do sangue, é forçoso recorrer copiosamente aos tonicos, para dar energia ao corpo enfraquecido e debilitado, assim tambem, quando as sociedades teem descido, pela depravação, ao ultimo extremo da ignominia, pervertido o senso moral, e esquecidas todas as noções do decoro e da dignidade humana, parece que um poder superior, e talvez uma lei sociologica, ainda ignorada, prepara por uma subversão inesperada, por um cataclysmo grandioso, a transformação de todo o modo de ser, e de existir d'essas collectividades humanas. E estes acontecimentos, que nos deixam surprehendidos, porque na irreflexão e descuido da nossa existencia, não deparamos

com o fio conductor que determina estas explosões, teem alias uma logica poderosissima e tenaz, e repetem-se todas as vezes, que as sociedades se acham nas mesmas phases de desalento, e de corrupção. Vimos com a invasão dos barbaros rebentar um grande cataclysmo, e a Egreja alentar-se, e fortalecer-se prodigiosamente no seio, para ella fecundo, de tão profundas perturbações. Attentemos em que a reforma, no seculo xvi, surgiu por esta arte, com impeto quasi equal, dilacerando todos os laços que prendiam a consciencia. Ponderemos que o seculo xviii viu surgir a aurora d'essa deslumbrante transformação, proclamando os direitos do homem, n'esse Synai de luz e de sombras, e quem sabe se o seculo, que se approxima, não assistirá a um novo cataclysmo, talvez mais grandioso, em consequencia das grandes massas que por elle

anceiam, e o esperam. E, comtudo, no intervallo de todos estes cyclos, em que as sociedades teem luctado, nunca houve nem podia haver immobildade absoluta, nem completo silencio. Os tempos medievaes, que se nos afiguram uma epocha de completa estabilidade, quando os vêmos aavez das profundas trevas que se adensavam em todos os paizes da Europa, esses mesmos estavam n'um periodo de gestação laboriosissimo, que havia de mais tarde manifestar-se pela revolta audaciosa de Luthero e de Calvino. Pouco a pouco foram filtrando duvidas e objecções de incredulos, de descrentes, e de adversarios, que se appellidaram com todos os nomes das herecias reprovadas pela Egreja, e estas idéas, que iam lentamente, como ribeiros, engrossando no leito, por onde corriam, transformaram-se repentinamente em torrente cau-

aqui e certo

dal, e foram em borbotões espumar no atrio da basilica dos papas. Era a razão humana que descingia as faixas da infancia em que a tinham envolto, e emancipava-se d'uma tutela, que era a negação formal do raciocinio, e a lucta contra a luz que allumia o espirito. Os symptomas d'esta evolução irrompiam, por vezes, como chispas de fogo, e jorros de lava candente, indicando que havia um vulcão aberto, que podia n'uma hora subverter parte da Egreja romana, e reduzil-a a cinzas. Eram presagios semelhantes aos que se repetem na actualidade, e que, pela tenacidade da sua reproducção, e pela constancia com que progridem, dão receios graves aos que vivem fóra da arena, onde lidam os interesses e as vaidades, que enxameiam á roda do poder.

A Egreja conservou-se indifferente a todos os clamores, que a vinham despertar do

seu lethargo, continuou a suppôr-se a depositaria de todos os thesoiros que representam os conhecimentos humanos, envolveu-se em todas as luctas, e em todos os ardis das diversas nações, e quando abriu os olhos á evidencia, achou-se em presença d'uma violenta perturbação moral.

Esta temerosa revolução, feita em nome do livre arbitrio ou liberdade de consciencia, que abalou profundamente os alicerces do catholicismo, e lançou em numerosas guerras grande parte da Europa, registou-a a historia chamando-lhe: a Reforma.



N'esta longa narração, em quẽ os acontecimentos nos arrastam, nem sequer nos podemos desvanecer de os termos exposto por

um determinado methodo de raciocinio, a fim de encontrar sem mais demorado exame a lei sociologica — são os proprios factos, que se succedem, se agrupam e se alinham por uma concatenação tão natural e tão logica, que deixam, no mais alto relevo, e com a feição mais pronunciada, o character e a fórma da evolução. E para que este encadeamento de successos, sem sobresaltos nem lacunas, entre francamente no seculo xvi, retrocedamos por um breve espaço, e consideremos rapidamente o catholicismo nos ultimos annos do seculo xiii.

A Egreja tinha então chegado ao apogeu do seu poderio — o maior talvez que tem existido no mundo. Imaginava-se representando ella só a razão, e havia-se como a depositaria de todos os conhecimentos humanos. Era a cabeça do mundo catholico. Todas as opiniões, em materia de sciencia

ou de fé, que não partissem do seu gremio, eram falsas, hereticas, erroneas e subversivas. Formára um cerebro e uma consciencia só, para milhares e milhares de espiritos, que tinham de acceitar, sem hesitações nem duvidas, os preceitos que ella proclamava e estatua. O mais leve assomo de objecção, dava ao insoffrido o nome de heresiarcha, de incredulo ou de impostor. A verdade moral, a verdade litteraria, a verdade scientifica, e a verdade esthetica dimanavam só do catholicismo. Tudo mais eram obras e ardis de Satanaz, que a Egreja não podia admittir, e que reprovava com a expulsão e o anathema. Quando chegou ao derradeiro termo d'esta gloriosa tarefa, repousou e adormeceu. A humanidade, a seu vêr, tinha encontrado o fim para que fôra creada: conhecer o unico e verdadeiro caminho que levava á salvação.

Mas a que decepções atrozes não estavam expostas as gerações futuras, e que tristes desillusões se não preparavam para o seu orgulho!

Pela sciencia astronomica da antiguidade, reputava o homem a terra como centro do universo. Toda essa immensidade de luzeiros que povoam as vastidões do infinito, no limitado numero em que eram conhecidos, considerava-os creados para entretenimento dos seus olhos, para aformoseamento das suas noites estivaes, e assim a lua, e assim todos os astros, que giram harmoniosamente nas suas diversas rotações. Quando Copernico, e Kepler, pondera um escriptor moderno, anniquillaram o systema de Ptolomeu, quando Colombo descobriu a America, quando Magalhães navegou em torno do globo, essa vasta construcção, tão laboriosa e tão victoriosamente edificada, rece-

beu um golpe mortal, de que nunca mais se poudes levantar. «Abalados os alicerces do edificio, as abobadas abateram.» E á medida que progrediam as sciencias, e que o espirito humano, avido de saber, dava um novo impulso á marcha da civilisação, desabavam novas muralhas, e as ruinas, que iam alastrando o solo, ficaram dispersas para todo o sempre. A separação da fé e da sciencia desencadeou tremendas tempestades, e tornou-se irreparavel. «Ensinar os povos a discutir o papa, observa um illustre historiador, era impellil-os, por uma fórma irresistivel, a discutir os reis. Demais, a Egreja tinha de ha muito envolvido o Estado nos seus destinos. No fundo de todas as coisas, encontrava-se Roma; ferindo-a, o golpe ia ferir no coração o systema geral do mundo.»

E é para notar que se aproximamos os

resultados, que advieram da Reforma, das maximas a que ella se cingia, e que originaram a revolução, ficamos absortos nos primeiros momentos, porque ha uma surpreendente contradicção n'esta completa heterogeneidade. Todavia, este phenomeno tem uma explicação singella, e podemos observar, sem receio de errarmos, que se repete em quasi todas as grandes revoluções.

Que importava affirmar a infallibilidade da Biblia, se os reformadores negavam á Egreja o direito de a interpretar? Expostos os livros sagrados aos olhos das multidões, sem commentarios nem paraphrases, era evidente que todos buscariam fazer-lhes a analyse, e procurariam explical-os, arrastados pelos impulsos da propria intelligencia. As crenças iam tambem entibiando e enfraquecendo, e ao passo que grande nu-

mero de principes e de nobres, arruinados pelas guerras constantes da epocha medieval, viram, n'esta revolução contra Roma, um meio efficaz de conquistar dominios e espoliar mosteiros, a burguezia, a quem a recente descoberta da America abria mais vastos horizontes para o commercio, e para as industrias, e que alcançava pela riqueza uma independencia importante, queria tambem esquivar-se a partilhar os fructos das suas fadigas, e dos seus trabalhos com os monges avidos e preguiçosos, que a importunavam e opprimiam. O typo industrial ia preponderando nas sociedades do seculo da Renascença, á medida que se desvanecia pouco a pouco o militarismo, cuja duração fôra tão longa e tão cruenta. Perdera-se o gosto pela disputas estereis, e os espiritos estavam aborridos e fatigados da Escholastica, que era o pasto intellectual, e infe-

cundo da idade media. A tomada de Constantinopla, pelos turcos, espalhára por toda a Europa occidental, como fochos de luz, os propagadores do genio da antiguidade, e, dizemos com um distincto publicista, se as lettras, renascendo, acharam magnanimo acolhimento em Roma, foi transformando-a em semi-pagã, — mas em toda a parte, e sobretudo na Allemanha, produziram o seu effeito natural, e prepararam a liberdade da razão. Os trabalhos philologicos de Renschlin, os escriptos de Erasmo, e os estudos astronomicos pareciam annunciar o apparecimento d'uma sciencia profana, destinada a substituir a theologia, e a encher o vacuo que a decadencia do papado ia deixar na historia.

Todas estas circumstancias, maravilhosamente accumuladas, n'uma hora determinada, pelo poder invisivel que rege os

destinos da humanidade, deram a explosão formidavel que empannou o brilho, e destruiu o prestigio da vontade soberana dos papas. E Luthero, o rebelde inconsciente, lá ia, na sua tarefa de vidente e de here-siarcha, suppondo-se elle, na inconsciencia dos seus actos, o motor genial d'esta prodigiosa revolução. Como o homem, ainda que se chame Alexandre ou Julio Cesar, Richelieu ou Bismarck, é pequeno em presença d'estas leis implacaveis e fataes, que regem os destinos dos povos, e como é irrisorio e digno de lastima o seu orgulho quando elle, o misero inconsciente, se suppõe a causa unica, o elemento inicial d'uma grande evolução! Não são, pois, os grandes homens que preparam a marcha da humanidade — é a humanidade que faz os grandes homens, e que se deixa dirigir por elles, por isso que os encontra sendo a personifi-

cação viva, a synthese perfeita de todas as suas aspirações. Disse Santo Agostinho, que Jesus Christo não veio mais cedo ao mundo, porque teria sido inutil a sua vinda, visto que os espiritos não estavam ainda preparados para receber a boa nova. É evidente, que as sociedades só acceitam e só acompanham aquelles, que sabem exprimir, por uma formula positiva e pratica, o conjuncto de idéas que ellas conceberam, e pretendem realisar.

Luthero e Calvino foram revolucionarios, e é essa a sua grandeza, porque cumpriram estoica e imperturbavelmente a sua missão. Tambem Jesus Christo foi um revolucionario, e o maior de todos, porque não ha situação que se compare ás maravilhas, que brotaram, do verbo poderosissimo do Nazareno.

(Toda a innovação é legitima, quando

vem satisfazer uma legitima necessidade.)
 Não ha verdades nem principios absolutos e eternos — eterno só Deus. A humanidade, assim como todo o universo, está em movimento successivo, e em permanente revolução. *ou a Emergia*
É, pois, a innovação constante uma condição essencial da sua existencia.
Pereceria no momento em que se tornasse immutavel. As religiões, assim como a moral, assim como a consciencia, e assim como as idéas, e todas as doutrinas, e todos os entes teem um movimento incessante e progressivo. Transformam-se, desenvolvem-se, e vão-se adaptando a novos meios, e orientando-se para novos destinos.

É necessario, porém, considerarmos que, como todos os factos se encadeam, e se seguem n'uma ordem inalteravel e constante, não ha, nem póde haver innovação, por mais absoluta que seja, sem que tenha pro-

fundas raizes no passado. É esta a lei da evolução. Todas as revoluções teem, portanto, um principio conservador, um laço que as prende ao preterito — e é por isso que as revoluções completamente radicaes são impossiveis, porque quebrariam a cadeia que liga o passado ao presente, destruindo a somma de vitalidade que nos impelle n'um determinado sentido, e por uma certa orientação. A espontaneidade é tão impossivel na vida psychica como na vida physiologica. Sem fecundações não ha gerações — e a fecundação presuppõem antepassados, e uma linha definida de typos, e de qualidades e caracteres especificos. O homem mais refractario a estes principios, na lingua que falla, e nos elementos com que fórma os seus raciocinios, presta-lhes involuntariamente a mais completa homenagem.

Nós somos na vida physica, e na vida intellectual os representantes legitimos, e os herdeiros necessarios das gerações que passaram. Renunciar absolutamente a esta herança, e interromper, por uma manifesta solução de continuidade, esta lei, seria tão impossivel como arrojarmo-nos para fóra do globo que habitamos, ou retrocedermos, por um atavismo monstruoso, e por uma aberração de senso moral, para o ponto hypothetico da nossa partida — a vida selvagem, e precaria das cavernas, das lagôas e dos bosques.

A nosso vêr, a reforma, como observa um lucido pensador da actualidade, foi uma transição entre a religião medieval, e a religião do futuro. Está para o catholicismo, nas mesmas condições da monarchia constitucional para a monarchia absoluta. A monarchia constitucional é uma pausa,

n'esta marcha precipitada, em que vamos,
para as regiões da liberdade e da igual-
dade — a reforma é uma interrupção tem-
poraria, na marcha precipitada em que nos
dirigimos, para a emancipação religiosa. As
heresias medievas iam além das legítimas
necessidades da revolução, e compromet-
tiam seriamente a existencia do christianis-
mo — por isso foram suffocadas, ao passo
que a reforma era o elo, que se seguia
n'esta cadeia da evolução, e, apropriando-se
das doutrinas hereticas, assimilou-as nos
pontos em que não despedaçavam a lei
historica, e satisfez, por esta arte, a ancie-
dade de liberdade de consciencia, que era
evidentemente a aspiração do seculo xvi.

Mas a reforma trazia comsigo o germen
da sua futura dissolução. Como já disse-
mos, queria conciliar dois elementos que
no fundo se contrariavam, e se repelliam.

A liberdade de pensar havia de despedaçar a reforma, como a reforma dilacerava o catholicismo.



Em seguida á grande revolução do seculo xvi, em que o espirito humano, já em plena liberdade de consciencias, buscava separar, entre as diversas tradições christãs, as falsas das verdadeiras, não faltaram intelligencias obstinadas ou indomitas, que impugnavam ou regeitavam todas. Quando surgiu a reforma, foi a lucta formidavel, e absoluta a intolerancia, porque as crenças eram robustas, e a fé viva e ardente, mas após a sahida de milhares de

catholicos do seio do catholicismo, attrahidos pelas doutrinas lutherana e calvinista, começaram a rarear os christãos nas fileiras do christianismo. Era a incredulidade que se manifestava, tambem, depois da heresia, e as crenças esmoreciam, e afrouxavam com a liberdade do pensamento, no meio das interminaveis e ardentes disputas, que dilaceravam a christandade.

Tomou diversas fórmias a opposição creada pela Renascença contra a idade media. Iniciou a lucta preparando a revolução religiosa do seculo dos Medicis, e foram os frades que pressentiram, com a perspicacia, (que origina o odio), a causa d'esta perturbação das consciencias, e por isso começaram uma guerra sem treguas, nem folga contra os homens de letras. Effectivamente muitos d'elles foram os precursores, e outros os chefes do movimento anti-catho-

lico. Todavia alguns houve, e dos mais illustres, que se recusaram a acompanhar Luthero. Mesmo entre aquelles que tinham preparado a revolução, pelos seus escriptos, houve quem a renegasse depois. Poderemos explicar este procedimento, pelo motivo de proclamar o protestantismo idéas mais avançadas e mais radicaes? Não. Ouçamos um illustre professor: «Debaixo de um certo ponto de vista póde-se dizer, que a Reforma ia além do que pensavam os humanistas, porque não cogitavam estes n'um movimento religioso; mas, por outro lado, não haverá duvida em affirmar, que os humanistas ultrapassavam os intentos do protestantismo. Seguiam, sem o presumir, a opinião de Montaigne. Disse este, que por tão pouco não valia a pena abandonar o catholicismo. Se não desampararam abertamente a Egreja, não foi porque os pren-

*politica
e haj o
mesmo*

dessem profundos sentimentos orthodoxos — obedeceram simplesmente á sua indiferença religiosa. Ficaram catholicos na apparencia, mas a maneira de pensar, e de sentir não era christan. São estes os precursores da philosophia moderna. Eis o motivo porque se não reuniram ao protestantismo.»

Para espiritos desprevinidos, e não afeitos á fórma sinuosa porque os acontecimentos se gizam as mais das vezes na historia, o seculo de Leão X afigurar-se-lhes-hia eivado de doutrinas, que eram como um rebate, que tinha por fim arrastar a humanidade para periodos que se perdiam já na noite dos tempos. Parecer-lhes-hia que, por um atavismo assombroso, a humanidade queria retroceder, despojando-se de todas as conquistas, tão laboriosamente feitas, em periodos de civilisação posteriores. A pri-

meira impressão é essa, e só depois de miudo exame se conhece a linha traçada pela acção evolutiva do progresso.

Quando a litteratura da antiguidade resurgiu, diffundida na Italia pelos foragidos de Constantinopla, o paganismo, que era uma parte integrante das lettras gregas e latinas, parecia reviver tambem nos esplendores da cultura hellenica. Davam-se, pois, ao mesmo tempo duas tendencias profundamente accentuadas para o passado. Lidavam os protestantes para recuar até aos tempos primitivos do christianismo, ao passo que os humanistas mostravam intentos de volver para a religião de Homero. A verdade é, que nem uns, nem outros sabiam bem para que ponto eram impellidos. Chegaram até onde a evolução os conduzia — chegaram á liberdade de pensar.

E como se todos os elementos d'esta

phase do progresso estivessem apostados a encontrarem-se, no momento historico, em que as suas forças, convergindo, augmentariam de intensidade, aconteceu que a Alemanha achára, no seculo xv, o meio de multiplicar, de reproduzir, e de perpetuar os thesoiros da litteratura. E por esta maneira os livros sagrados do christianismo, buscados com avidéz por aquelles que lhe queriam interpretar a lettra, e analysar o espirito, foram profusamente espalhados, graças ao maravilhoso genio de Gutenberg, que deu ás lettras a fecundidade da vida, ao pensamento, ao espirito moderno, e á civilisação os meios para arrancarem a humanidade á ignorancia e á barbarie, e para a guiarem, com um facho cada vez mais resplandecente, para as regiões da verdadeira democracia.

Não podemos apreciar os humanistas no

seculo xvi, assim como não podemos avaliar os prodigiosos effeitos da descoberta da imprensa no seculo anterior ao dos Medicis. Precisaríamos recorrer aos seculos xvii, e xviii, para admirar os preciosos fructos que nasceram da Renascença, e teríamos de analysar o seculo xix, para comprehender todas as maravilhas produzidas pela invenção de Gutenberg.

A propaganda tinha de ser feita pela palavra, porque os povos eram ignorantes e analphabetos. Demais, as grandes discussões, os graves problemas de doutrina, e as investigações dos eruditos, e dos philosophos eram publicados na lingua latina, que era a lingua da sciencia, e em livros de grande preço, porque os mercados eram diminutos pela pequena concorrência de compradores. N'uma grande parte de trabalhos litterarios, e scientificos as pretensões a uma

requintada superioridade de fôrma, e a grandes effeitos rhetoricos faziam o estylo exaggeradamente pomposo, ou por tal maneira prolixo, diffuso, e sobrecarregado de ornamentos superfluos, e de citações este-reis e pretenciosas, que só um amor ardente pelas lettras podia mover os estudiosos a compulsar os in-folios, escriptos depois da lucta religiosa. Era, pois, limitado o numero de leitores, embora fossem já energicos os esforços para derramar a instrucção. É notavel que fosse um papa quem deu o estimulo, e o exemplo do amor pela litteratura antiga. Nicolau V empregou todos os meios para proteger as lettras gregas e latinas.

Logo que Constantinopla cahiu em poder dos turcos, apressou-se em enviar humanistas ás provincias, occupadas pelos musulmanos, com o intento de comprarem a peso de oiro todos os manuscriptos hellenicos.

A fim de buscarem os livros latinos partiram outros para diversos logares do Occidente. Por isso diziam os eruditos e homens de letras, que ao papa se devia não ter desapparecido a Grecia, por isso que apenas tinha emigrado para a Italia. O que não offerece duvida é, que os successores de S. Pedro favoreciam inconscientemente um movimento intellectual, que havia de ser funesto ao seu poder, e ao proprio christianismo. Tanto é verdade que a evolução dirige os destinos humanos, as mais das vezes n'um sentido inverso dos nossos esforços, e dos nossos propositos. O espirito da epocha podia mais do que os individuos. Deu-se, pois, nos seculos xv e xvi, um facto que se repetiu egualmente no seculo xviii: a Egreja protegia os homens, que tinham por missão destruil-a, assim como os reis e os nobres afagavam os philosophos, que espalhavam

às mãos cheias as sementes da revolução
franceza.



Esta admiravel expansão de liberdade, que surgiu na Europa, com a Renascença e a Reforma, encontrava na península hispanica mal distinctos echos, e formidaveis reluctancias.

«Na península, pondéra um escriptor moderno, este duplo movimento do espirito humano, que se annunciava pela restauração das lettras, e pela revolução religiosa, encontrou mais do que em nenhum outro paiz da Europa, uma obstinada resistencia. Os systemas de philosophia escolastica, que

havia sido professados pelos doutores mais eminentes da Igreja, eram ainda para o clero a verdadeira e unica sciencia, e reputavam sacrilega, e heretica toda a innovação que deslizesse um apice dos methodos recebidos».

As doutrinas da reforma, entretanto, chegaram a penetrar sobre tudo no Aragão, e na Andaluzia; mas dentro de poucos annos, todos os germens de heresia haviam sido suffocados, e o ultimo auto de fé em que figuraram sectarios do protestantismo foi no anno de 1570.

A situação da península hispanica era muito diversa, em relação ao estado politico de todas as outras nações europeas. Estas pelejaram com os sarracenos, instigadas pelos papas, e levadas puramente pelo seu arrojo, ainda assim o movimento das cruzadas foi temporario, e os christãos iam

affrontar os sectarios do Islam a seu talante, e quando a vontade lhes dictava esses commettimentos, e é para notar que estas luctas religiosas, iniciadas com o clamor de «Deus o quer» terminaram com desaire para o poder papal.

Não foi assim na península. Os musulmanos occuparam todo o territorio. Tinham-o conquistado depois da batalha do Guadalete, e em centenaes de pelejas, e só lentamente o foram perdendo. Durante oito seculos a vida das nações peninsulares foi uma lucta travada, sem treguas demoradas, nem repouso, com os infieis. Combatendo pela religião de seus paes, os castelhanos e os portuguezes luctavam pela propria vida, por que os inimigos da fé eram tambem os inimigos da sua independencia. «D'aqui procede, observa um historiador moderno, que a fé catholica, e a nacionalidade hespanhola

confundiram-se a um ponto tal, que a Hespanha ficou sendo a representante por excellencia do catholicismo. Logo que um scisma dilacerou a Egreja, logo que o catholicismo da edade média soffreu um grande abalo nas suas bases, estava traçado o destino da Hespanha: era ella o defensor nato das velhas crenças». O papel que desempenhou, na lucta do catholicismo e do protestantismo, deu aos olhos dos fieis, um character sagrado á monarchia hespanhola. Ranke chama-lhe a santa monarchia, sem a qual a barca de S. Pedro teria naufragado.

O mesmo podemos dizer de Portugal. Este reino ia muito atrazado na marcha da civilisação. Conquistado palmo a palmo aos moiros, em rebates constantes pela sua independencia, ora com sarracenos, ora com castelhanos, a sua cultura intellectual era tão resumida, que ainda no seculo xv ape-

nas abrangia alguns humanistas, uma parte do clero, e os frades, que, seguindo a phrase de Alexandre Herculano, pelo menos os membros das antigas ordens, eram eruditos e homens de letras. O seculo do mestre de Aviz, diz Rebello da Silva, tinha sido uma epocha de gigantes; por isso a geração de 1580 não soube entendel-a, nem podia imitar-lhe os exemplos. Eram effectivamente gigantes os homens de Aljubarrota e de Valverde, e crearam uma epopea tão maravilhosa, que não admira, que um d'elles dissesse, em Caria, a D. João I, quando se lastimava que lhe faltavam os cavalleiros da Tavola redonda: «Não faltam aqui os cavalleiros a que alludis. Aqui estão todos e bem representados — o que nos falta é o rei Arthur que os presidia». Mas aos seus heroicos esforços, aos seus nobres feitos não correspondia educação scientifica nem litte-

raria, semelhante á que se aprendia e ensinava por toda a Europa culta. Muito mais tarde escrevia Fr. Luiz de Sousa: «Davam-se em aquelle tempo todos os nobres tanto ás armas e tão pouco ás lettras, como se fôra verdade que a penna embotasse a lança».

Devotados ás luctas da patria, e ás conquistas, nem sequer concebiam a necessidade de alumiar o espirito com estudos litterarios. A maior parte dos eruditos e humanistas do seculo xvi, em Portugal, ou se fizeram conhecidos, escreve Lopes de Mendonça, nos ultimos annos do reinado de el-rei D. Manuel, ou tinham estudado nas universidades estrangeiras. André de Rezende, Jorge Coelho, Alvaro Gomes, Antonio Luiz, Jeronymo Cardoso, os Gouvêas, Freire, e outros, estavam n'este caso. As narrações, ácerca do descobrimento e con-